

Cultura informacional:
construindo o objeto
informação pelo emprego
dos conceitos de
imaginário, instituição e
campo social

Regina Maria Marteleto

Resumo

Construção do objeto informação tendo como conceito nucleador a idéia de cultura como artefato e como processo. O modo de funcionamento informacional da cultura. Informação, imaginário, instituição e campo social.

Palavras-chave

Cultura; Informação; Campo social

INTRODUÇÃO

“O ponto de vista faz o objeto”.
(Saussure)

A epígrafe acima é uma indicação do modo como opera a pergunta sobre a informação, indicando, além da complexidade e fluidez do objeto, um ponto de vista que parte do princípio de que todo objeto científico é uma construção operada pelo pesquisador e, de maneira especial, quando estuda fenômenos sociais e humanos.

No entanto, essa construção não é arbitrária. Ela só se torna possível pelas realidades sócio-históricas, ou seja, pela consideração não apenas dos sujeitos, suas práticas e representações, mas ainda das estruturas e situações em que se encontram envolvidos.

Essas premissas básicas estarão orientando o processo de construção da idéia de informação como artefato cultural, como forma de criação e instituição dos significados ou ainda como modo de produção, controle e distribuição social dos bens simbólicos.

E, por se tratar de uma leitura da informação pelo foco da cultura, convém lembrar o quanto o objeto antropológico hoje se desloca das sociedades primitivas, endógenas ou exóticas, para o estudo de uma “cultura mundo” e suas questões comunicacionais/informacionais.

De acordo com C. Geertz (1989: 63):

“...O que se faz necessário é ampliar a possibilidade de um diálogo inteligente entre pessoas que diferem consideravelmente entre si em interesses, perspectivas e poder, e no entanto estão limitadas em um mundo onde, envolvidas em interminável conexão, fica cada vez mais difícil sair uma do caminho da outra.”

Não se trata, no entanto, de estudar uma cultura universal como o esperanto, nem de inventar uma enorme tecnologia de administração humana, mas de entender o modo de funcionamento de uma cultura informacional. Em outros termos, a pergunta sobre a informação, hoje e desde sempre, não busca encontrar a sua essência (o que é), mas a sua funcionalidade no terreno sócio-histórico.

CULTURA – UM CONCEITO NUCLEADOR

Cultura é aqui entendida no seu sentido antropológico mais geral como o “modo de relacionamento humano com seu real”, ou ainda como o conjunto dos artefatos construídos pelos sujeitos em sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens) pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem sua vida material e simbólica.

Informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Fenômeno de complexa configuração ou previsão, seja ela entendida como processo ou produto, é sempre uma “probabilidade de sentido”.

Cultura e informação são assim conceitos/fenômenos interligados pela sua própria natureza. A primeira – funcionando como uma memória, transmitida de geração em geração, na qual se encontram conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade humana – é a depositária da informação social. Por essa mesma razão, pode ser considerada como a “genoteca” da sociedade humana*. Nela, os padrões culturais – religioso, filosófico, estético, científico ou ideológico – funcionam como “programas” ou gabaritos para a organização dos processos sociais e psicológicos, de forma semelhante aos sistemas genéticos, que fornecem tal gabarito para a organização dos processos orgânicos. Esses padrões representam fontes extrínsecas de informação, em cujos termos a vida humana pode ser padronizada, funcionando como mecanismos extrapessoais para a compreensão, julgamento e manipulação do mundo (Geertz, 1978: 188).

Vista assim como uma totalidade, um conceito nucleador, a cultura é o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias de ser, representar e estar em sociedade.

A CRIAÇÃO NO DOMÍNIO SÓCIO-HISTÓRICO – AS SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS SOCIAIS E OS PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

A cultura possui um modo especial de funcionamento – o social-histórico. Aquilo que permite a produção e a reprodução dos artefatos culturais é a sua institucionalização na sociedade. As instituições (ou os artefatos institucionalizados) impõem-se na sociedade primeiro e, de modo superficial, me diante a coerção e as sanções. Segundo, menos superficialmente e ainda de

* O termo “genoteca” foi cunhado por B. Ryback para demonstrar o funcionamento dos sistemas neguentrópicos, ou seja, que têm a capacidade de, pelo menos temporariamente, reduzir, afastar, ultrapassar ou “negar” o aumento da entropia no interior dos sistemas. O termo “genoteca” é empregado por Morin quando se refere ao sistema social o qual por meio de uma memória ou repertório cultural (a genoteca) “... quand l'ensemble du système est en action, met en jeu des quasi messages de façon quasi programmatique”. (Cf. E. MORIN. *Sociologia*. Paris: Fayard, 1984, p.92-93)

forma mais ampla, mediante a adesão, o apoio, o consenso, a legitimidade, a crença. Em última análise, "...por meio e através da moldagem (fabricação) da matéria-prima humana em indivíduo social, no qual estão incorporados tanto as próprias instituições, como os mecanismos de sua perpetuação" (Castoriadis, 1987: 229).

Dessa forma, os artefatos e os próprios indivíduos são criações culturais e históricas que, uma vez instituídas, dão coesão e unidade interna à "instituição total da sociedade", funcionando como um tecido imenso e complexo de significações que "...impregnam, orientam e dirigem toda a vida de "uma dada" sociedade e todos os indivíduos que, corporalmente, a constituem" (Idem, p. 230). Essas significações são imaginárias porque são introduzidas na sociedade por um processo de criação e por não corresponderem e nem se esgotarem em referências a elementos "racionais" ou "reais". São sociais, porque só têm existência enquanto são instituídas e compartilhadas por um coletivo impessoal e anônimo (Idem, p. 231).

IMAGINÁRIO, INSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Caracterizados tanto os artefatos como os próprios indivíduos como criações sócio-históricas que formam o conjunto das significações imaginárias e da sua instituição na sociedade, resta perceber como se dá a caracterização intrínseca da organização da sociedade, ou seja, como se produzem e se renovam a instituição da sociedade e as significações sociais que nela estão incorporadas. Estas se desenvolvem sempre em duas dimensões, que não podem ser dissociadas: a dimensão conjuntista-identitária (ou "lógica") e a dimensão propriamente imaginária. Pela primeira, a sociedade opera, agindo e representando, por meio de elementos, classes, propriedades e relações tidos como distintos e definidos – seu esquema dominante de operação é o da determinação. Dito de outra forma, aquilo que é concebível está submetido à determinidade e suas implicações e conseqüências. Nessa dimensão, o funcionamento da sociedade, das instituições e dos significados pode ser determinado e controlado (Idem, p.235-236).

Na dimensão propriamente imaginária, o esquema dominante é o da significação. Posto que as significações podem ser demarcadas, mas não determinadas, uma vez que elas se conectam umas às outras como uma cadeia infinita e não previsível, seu modo fundamental de funcionamento é o do remetimento (*renvoi*). As significações não são nem "distintas", nem "definidas", e nem estão interligadas por condições e razões necessárias e suficientes, nesta dimensão (Idem, p. 235).

INFORMAÇÃO COMO FORMA E DINÂMICA CULTURAL

A partir do esboço conceitual sobre a criação do domínio sócio-histórico, realizado a partir de categorias desenvolvidas por C. Castoriadis, temos que os artefatos são culturais, em primeiro lugar, porque são criados pelas "significações imaginárias sociais" e, em segundo, porque são instituídos, funcionando como fontes extrínsecas de informação para os sujeitos sociais. Assim, as instituições básicas da sociedade são a língua, transformada em linguagem pelos seus usos instituídos e narrativos em contextos e situações diversificadas, e os sujeitos, emoldurados como indivíduos com direitos e deveres, ou seja, como sujeitos formados e informados por um processo constante de aprendizagem social.

O objeto informação, enquanto forma instituída de memória, gestão, distribuição e recepção dos artefatos culturais, é aqui o elemento de ligação entre as dimensões conjuntista-identitária e

imaginária, que regem o funcionamento da “instituição total da sociedade” e da própria dinâmica cultural.

Tendo em vista que a produção e reprodução dos artefatos culturais se realiza pelo modo informacional, pelo menos nas sociedades históricas, pode-se afirmar que, nestas sociedades, toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante dos quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização*.

HABITUS E CAMPO SOCIAL – O MODO DE PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO DOS BENS CULTURAIS

Para ampliar o processo de construção do objeto informacional, é importante ainda considerar os seus processos de produção, distribuição e consumo, pelo emprego dos conceitos de campo e *habitus*, formulados por Bourdieu.

Estes conceitos e outros que integram sua ampla produção no domínio da sociologia da cultura e das relações de força simbólica que regem a dinâmica cultural moderna têm base no pressuposto histórico de que nas sociedades ocidentais ocorreu um processo de autonomização do sistema de relações de produção, circulação e consumo dos bens culturais em relação a um modo prevaiente de conhecimento que tinha como fundamento unitário os

referenciais simbólicos e de poder da aristocracia e da Igreja. O processo crescente de autonomização das esferas de produção dos bens simbólicos fez com que, em primeiro lugar, fossem constituídos e fortalecidos campos relativamente autônomos de produção e reprodução cultural, como o artístico, o filosófico, o científico, o educacional, além dos campos de distribuição e consumo, como a editoras, bibliotecas, arquivos, museus e a própria indústria cultural. Em segundo lugar, criou-se, a partir daí, uma situação de mercado de oferta e consumo dos bens culturais, de maneira semelhante ao circuito de distribuição dos bens materiais.

A noção de campo está assim associada às subdivisões do contexto cultural mais amplo. Os diferentes campos existentes em uma dada formação cultural gozam de relativa autonomia na sua maneira de funcionar e existir. Elas são uma situação institucionalizada em que os agentes desenvolvem suas ações como atividades regidas por regras válidas para cada campo, especificamente (Bourdieu, 1980: 113). A participação ou não dos sujeitos em determinados campos depende dos seus *habitus*, já que os campos exigem investimentos que implicam a posse e utilização de um capital cultural adquirido na família e reforçado pela experiência escolar e prático-social.

* Para um desenvolvimento dessa parte, aplicada a uma situação de aprendizagem escolar, ver: Marteleto, R.M. Cultura,

Educação E Campo Social; Discursos E Práticas De Informação. Tese De Doutorado Em Comunicação. Rio De Janeiro Eco/Ufrj, 1992, 389f.

O SISTEMA DE POSIÇÕES DOS SUJEITOS NO ESPAÇO SOCIAL – CAMPO E *HABITUS*

Para relacionar os conceitos de campo e *habitus*, é importante reconhecer que os agentes ocupam no espaço social uma posição determinada pela sua origem de classe ou grupo social. É, a partir da sua posição neste espaço, que os agentes elaboram suas representações e executam suas ações, isto é, pelo prisma do seu lugar no “sistema de posições sociais”. Este último é estruturado pelas diferenciações entre os agentes e, portanto, funcionam como um campo de forças, onde os agentes se enfrentam com meios e fins diferenciados, de acordo com sua posição nessa estrutura de posições, contribuindo desse modo para conservá-la ou transformá-la (Bourdieu, 1989; 1994).

Enquanto o campo está relacionado à forma de estruturação do espaço social, o *habitus* se aplica aos sujeitos e ao seu enquadramento no sistema de posições sociais. *Habitus* é o conceito que diz algo concreto e dinâmico sobre os agentes sociais, pois representa o esquema de percepção e de ação de cada indivíduo, adquirido e formado pela história social de cada um deles e resultante de um longo processo de aprendizagem formal e informal.

Os *habitus*, assim adquiridos, funcionam no estado prático da vida social, isto é, permitem aos seus portadores operar um senso prático da vida, como um esquema de percepção, de apreciação e de ação que é acionado em determinadas situações sociais.

“Os sujeitos são na realidade agentes ativos e conhecedores dotados de um senso prático..., sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão... de estruturas cognitivas duráveis... e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adaptada.”

(Bourdieu, 1994:45)

Nessas condições, nas quais se expõe e é exposto o agente social, ocorre o encontro entre um *habitus* e uma situação, ou campo social. É no domínio das práticas dos agentes em situação que é acionado este esquema perceptivo, o qual orienta as suas ações e representações sobre as estruturas objetivas e sobre a sua posição e dos outros agentes no sistema de posições sociais.

Sendo então forjado no interior de relações sociais exteriores, “necessárias” e “independentes das vontades individuais”, o habitus possui uma dimensão inconsciente para os sujeitos, uma vez que estes não detêm a significação da pluralidade de seus comportamentos e nem dos princípios que estão na gênese da produção dos seus esquemas de pensamentos, percepções e ações: “...o habitus tende a assegurar sua própria constância e a sua própria defesa contra a mudança através da seleção que ele opera entre as informações novas, rejeitando, em caso de exposição fortuita ou forçada, as informações capazes de colocar em questão a informação acumulada e sobretudo desfavorecendo a exposição a tais informações...”

(Bourdieu, 1980:102)

Os conceitos de campo e *habitus*, assim associados, permitem perceber o modo de estruturação dos sentidos produzidos socialmente e agenciados e gerenciados por agências e agentes produtores e reprodutores das informações e do seu fluxo na sociedade.

MERCADO DE BENS CULTURAIS E DISTRIBUIÇÃO SOCIAL DA INFORMAÇÃO

Existem dois traços básicos comuns aos diferentes campos sociais, assim delimitados com modo de estruturação do universo cultural:

- 1) A geração da cultura como matéria de trabalho ou de uma prática colocada sob a esfera da produção, ou como uma “...prática geradora de um produto, que aparece dentro de suas condições sociais de existência, isto é, das determinações para que um bem possa ser utilizado, possa ter valor de uso” (Sodré, 1983:73).
- 2) Sua organização em campos sociais que classificam os sujeitos como produtores e receptores dos bens culturais dentro a camada social dotada de meios sociais (origem e pertencimento de classe) e instrucionais (cognitivos) para manejar os códigos de deciframento das mensagens contidas nos bens culturais (Bourdieu, 1982).

A profissionalização do universo simbólico, sua subdivisão em campos de produção cultural e a transformação do capital cultural em privilégios e distinções criam um “mercado simbólico” no qual o valor de uma produção cultural é largamente determinado pelo julgamento de instituições que detêm autoridade para tal no domínio público: as escolas e as universidades, os museus, as bibliotecas e outros organismos culturais, as editoras. Neste contexto, os sistemas de ensino desempenham um papel instrumental na apropriação da riqueza simbólica que é julgada digna de ser possuída e cultivada (Idem, p. 99-181).

Temos, a partir desse segundo momento de construção do objeto informação, que os bens culturais produzidos como matéria informacional não são compartilhados socialmente, e sim distribuídos, isto é, dependem de instâncias de produção, reprodução, transmissão e aquisição.

Em contrapartida, não se pode perder de vista que o funcionamento dos campos sociais não é integralmente informacional ou comunicacional, pois deles fazem parte as condições de produção, transmissão e aquisição dos bens culturais, que representam os mecanismos de situar emissores-transmissores-receptores, como também os objetos, valores, sentidos que acompanham as informações.

A subdivisão da modernidade cultural em campos, apoiada em uma forma especial de acessar a realidade – o conhecimento racional – não cria, no entanto, uma totalidade. Um vez que ela implica separação entre produtores e receptores dos bens culturais, por critérios de saber e de poder, que, em última instância, dizem respeito à acessibilidade aos campos e aos seus significados, supõe e repõe incessantemente as diferenças e os conflitos sociais.

É nesse contexto da modernidade cultural, dividida em campos de produção simbólica, que surge e se consolida a idéia de informação como elemento que organiza o que, por natureza, é disperso e conflitual – as relações sociais – e que dá aparência de dispersão e neutralidade ao que é produzido com homogêneo e indivisível – o conhecimento racional.

FINALIZANDO... INFORMAÇÃO, UM CONCEITO RELACIONAL

Edgar Morin considera que informação é um conceito difuso e escorregadio, mesmo assim se presta a uma análise da realidade social e da sua organização, desde que seja colocado em relação com uma série de outros conceitos e fenômenos. Informação é assim um “conceito

encruzilhada”, que toma corpo e relevância quando visto no entrecruzamento conceitual de muitas questões e perspectivas teóricas (Morin, 1984: 93).

Na leitura antropológica da informação, seu processo de construção como objeto só se complementa, quando se levam em conta, concretamente, tanto as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural, quanto as relações, práticas e representações dos sujeitos cada vez mais mediadas por um modo informacional e competente de ser e estar em sociedade.

Faz-se necessário ao pesquisador, ao analisar as práticas informacionais em uma sociedade como a nossa, lembrar que ela está, como outras, “permeada por matrizes de significações diferentes e conflitivas e ainda múltiplas, concorrentes ou superpostas.”

Nesse momento atual, em que a noção de informação tem servido para elaborar discursos e prognósticos sobre o advento da sociedade globalizada, sem fronteiras culturais, políticas ou econômicas, é importante finalmente lembrar que o conflito cada vez mais se faz presente em cada prática, discurso, representação ou comunicação. É nessas sociedades que o objeto informação poderá ser construído e se transformar em problema relevante de pesquisa, sobretudo para os países cuja maioria da população encontra-se ainda à beira do caminho das grandes vias cibernéticas, e não em sociedades ditas de massa, informatizadas ou sem história. Afinal, “nossa história nem apenas começou...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982. 361p.
2. _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. 311p.
3. _____. *Raisons pratiques; sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994. 256p.
4. _____. *Le sens pratique*. Paris: Les Editions de Minuit, 1980. 475p.
5. CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 466p.
6. GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. *Diálogo*, p. 59-63, 1989.
7. _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 323p.
8. MORIN, Edgar. *Sociologie*. Paris: Fayard, 1984. 350 p.
9. SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. 215 p.
10. VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1980. 204 p.

Informational culture: constructing information with the use of imaginary concepts, institution and social field

Abstract

Construction of information having as its core concept the idea of culture as an artefact and a process. The manner of informational functioning of culture. Information, imagination, institution and social field.

Keywords

Culture; Information; Social field.

Regina Maria Marteleto

Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP-RJ) IBICT